

IDADES DOS AFETOS: CRENÇAS SOBRE A RELAÇÃO INTERGERACIONAL

Márcia Seguro¹ (✉ marciafilipaseguro@hotmail.com) & Isabel Leal²

¹ ISPA – Instituto Universitário, Promoting Human Potential Research Group, Lisboa, Portugal; ² ISPA – Instituto Universitário / WJCR – William James Center for Research, Portugal

O envelhecimento populacional constitui um dos principais desafios do século XXI e, concomitantemente, uma das principais preocupações dos serviços sociais e de saúde (Ferreira, 2011), que prevê questões a vários níveis. A nível social resulta na coexistência de diferentes gerações cujas relações são condicionadas pelo contexto, história e cultura (Sousa, 2006); a nível familiar promove a mudança estrutural com o aumento das relações verticais em detrimento das relações horizontais (Block, 2000; Geurts, Tilburg, & Poortman, 2012; Hagestad, 1988; Hodgson, 1992; Mills, 2001) e, por fim, a nível individual aumenta a duração e importância de determinados papéis e possibilita a prática de outros (Albrecht, 1954; Barranti, 1985; Bernal & Anuncibay, 2008; Boon, Shaw & MacKinnon, 2008; Harper, 2006; Harwood & Lin, 2000; Kemp, 2007; Kivnick, 1982; Lakó, 2014; Moorman & Stokes, 2014; Rigby, Gair, & Thorpe, 2015; Silverstein & Long, 1998; Silverstein & Marengo, 2001; Triadó, Villar, Solé, Osuna, & Pinazo, 2005).

A par desta realidade, crescem outras mudanças sociais, culturais e familiares que conferem uma rede de suporte socio-emocional frágil e impactante no desenvolvimento cognitivo, moral e socio afetivo das crianças (Bengtson, 2001; Gomes-Pedro, 2006; Harper, 2006; Silverstein & Marengo, 2001).

Enquanto avós, a população envelhecida dá sentido às dificuldades das crianças (Lakó, 2014) e promove a sua estabilização em período de crise (Albrecht, 1954; Timberlake, 1981; Wood & Liopsis, 2007), quer desempenhando um não convencional (enquanto primeiro prestador de cuidados)

ou convencional (enquanto auxiliar dos progenitores, e portanto funcionando em termos instrumentais emocionais e sociais e simbólicos. Em suma, apesar de relevantes, as relações intergeracionais entre avós e netos apresentam parca substância científica em termos educacionais e clínicos. A atenção científica tem recaído sobre a dinâmica do ciclo da vida e, neste sentido, os idosos são comparados às crianças pela necessidade de cuidados e afetos. O estudo objetiva a construção e validação de uma escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos, procurando atender à questão geral de investigação: Quais as crenças das crianças sobre as relações intergeracionais?

MÉTODO

Participantes

A amostra é constituída por 281 crianças, 125 do género masculino e 156 do género feminino, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos de idade ($M=9,49$; $SD=1,682$) e capacidade de ler e compreender a língua portuguesa. Deste total, 73 crianças não têm irmãos e as restantes 208 têm entre 1 a 4 irmãos com tempos de vida entre os 0 e 36 anos de idade.

Material

Foram construídos três instrumentos, com suporte na literatura. O primeiro consta num questionário sociodemográfico de caracterização da amostra, o segundo consta num questionário de caracterização das relações intergeracionais e o terceiro constitui em uma escala de crenças sobre as relações intergeracionais entre avós e netos, desenvolvido com base em três entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas a crianças. Inicialmente formada por 31 itens distribuídos de forma aleatória, após validação, foi reduzida a 22 itens avaliados segundo uma escala de *likert* de 5 pontos (1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”), variando a pontuação total entre 22 e 110 pontos.

Procedimento

O estudo contempla três fases, sendo que a primeira visa a construção dos questionários, destacando-se a construção da escala. Para efeitos de construção e validação semântica da escala, foi elaborado um guião a partir do qual foram realizadas três entrevistas semiestruturadas em profundidade e respectiva análise de conteúdo. Por conseguinte, foram formulados os itens constituintes da escala e foi realizado um pré-teste com três crianças de modo a verificar a compreensão dos itens e a proceder ao ajustamento dos mesmos.

A segunda fase visa a validação psicométrica do instrumento construído, da qual decorreu a recolha da amostra por meio da entrega de protocolos num agrupamento de escolas e três instituições particulares de solidariedade social do distrito de Lisboa. Consequente à recolha, foram assegurados os pressupostos relativos à amostra e requeridos critérios para conduzir a análise, dizendo respeito ao seu tamanho (equivalente a um total de 217 a 310 inquéritos) e representação de dados omissos (inferior a 5%). Por fim procedeu-se à análise dos pressupostos de sensibilidade, validade de constructo e fiabilidade.

A terceira fase visa a descrição geral das crenças através da escala validada e tendo por base a análise descritiva precedente. Foram também elaborados alguns testes estatísticos para análise de correlações. Todas as pesquisas foram elaboradas com o *software SPSS (v.24)*.

RESULTADOS

Validação Psicométrica da Escala

Em termos de sensibilidade, a análise descritiva evidenciou uma distribuição aproximadamente normal, sem desvios grosseiros. Em termos de validade de constructo, a Análise Fatorial Exploratória indicou uma boa fatorabilidade da matriz de correlações ($KMO=0,091$). Procedeu-se à matriz das componentes principais, na qual foram retidos 4 fatores (PI – Papel Instrumental; PE – Papel Emocional; PSS – Papel Social e Simbólico; PNC – Papel Não Convencional) com bons índices psicométricos que possibilitaram a identificação das crenças em cada fator.

Procedeu-se à rotação de fatores pelo método Varimax e à estimação dos valores dos fatores pelo método Barlett. As comunalidades, assim como a matriz de componente rotativa, permitiram avaliar a representação de cada item no modelo, resultando na exclusão de 9 itens (item 3, 5, 7, 9, 27, 28, 29, 30 e 31). Em termos de fiabilidade, de forma geral, a análise da consistência interna por meio do *alpha de Cronbach* verificou a fiabilidade apropriada dos fatores [PI ($\alpha=0,83$), PE ($\alpha=0,81$), PSS ($\alpha=0,86$) e PNC ($\alpha=0,66$)].

Quadro 1

Modelo de Análise Fatorial Exploratória

Item	Fatores				Comunalidades
	PI	PE	PSS	PNC	
8. Os avós são as pessoas mais próximas de mim.	0,753	0,169	0,026	0,034	0,598
10. Os avós ajudam-me nos trabalhos de casa.	0,563	0,103	-0,009	0,121	0,343
14. Os avós são as pessoas mais disponíveis para mim.	0,763	0,172	0,105	-0,021	0,623
16. Os avós ensinam-me o que devo e/ou não fazer.	0,433	0,332	0,415	-0,017	0,470
17. Os avós são as pessoas mais preocupadas comigo.	0,743	0,103	0,232	-0,073	0,622
22. Os avós são as pessoas mais compreensivas comigo.	0,726	0,136	0,288	-0,146	0,650
26. Os avós são as pessoas mais pacientes comigo.	0,624	0,046	0,368	-0,258	0,593
1. Tenho uma boa relação com os avós.	0,190	0,810	0,031	-0,175	0,723
2. Sinto amor, carinho e afeto pelos avós.	0,180	0,804	0,061	-0,145	0,704
4. Sinto-me feliz, alegre e contente quando estou com os avós.	0,246	0,701	0,276	-0,031	0,628
6. Acho que os avós sentem amor, carinho e afecto por mim.	0,138	0,697	0,289	-0,090	0,597
11. Fico contente quando vejo que os avós têm capacidades e saúde.	-0,083	0,486	0,347	0,003	0,363
21. Dou miminhos e carinho aos avós.	0,302	0,468	0,389	-0,143	0,482
15. Gostava de passar mais tempo com os avós.	0,183	0,131	0,684	-0,127	0,534
20. Acho que os avós gostavam de passar mais tempo comigo.	0,020	0,107	0,761	-0,050	0,593
23. Divirto-me com os avós.	0,302	0,424	0,593	-0,157	0,648
24. Os avós brincam comigo.	0,433	0,418	0,452	-0,055	0,569
25. Acho que os avós divertem-se comigo.	0,277	0,293	0,695	-0,114	0,659
12. Os avós dão-me dores de cabeça, irritam-me e/ou batem-me.	0,023	-0,177	0,031	0,765	0,363
13. Estar com os avós é chato.	-0,040	-0,170	-0,047	0,687	0,505
18. Acho que os avós sentem que eu dou-lhes dores de cabeça.	0,302	-0,026	-0,190	0,651	0,461
19. Acho que os avós sentem que é chato estar comigo.	-0,105	-0,003	-0,117	0,718	0,541
<i>Eigenvalue</i>	7,982	2,166	1,677	1,308	
Variância explicada	34,704	9,416	7,291	5,687	

Análise Descritiva

Como forma de verificar quais os papéis de maior relevância para as crianças, realizou-se uma análise de médias, da qual se pode inferir um PNC e PI pouco significativos, PSS significativo e PE muito significativo. Ou seja, crianças tendem a perceber uma relação convencional com uma forte componente emocional, rejeitando aspetos de valência emocional negativa.

Procedeu-se ao teste *t-student* para amostras independentes, no sentido de verificar se as crenças variam consoante o género da criança ($p < 0,005$). Os resultados revelam não haver diferenças estatisticamente significativas entre géneros em termos de crenças relativas aos PI ($p = 0,332$), PE ($p = 0,114$) e PSS ($p = 0,508$). Contudo verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino ($m = 1,42$) e masculino ($m = 1,60$) no que diz respeito às crenças inerentes ao PNC ($p = 0,023$), o que sugere uma maior identificação do género masculino com as afirmações consignadas ao papel não convencional.

DISCUSSÃO

Primeiramente, no que concerne à construção e validação da escala, importa salientar duas conclusões. A primeira diz respeito às características psicométricas do instrumento e vinculação com a literatura utilizada. A análise estatística permitiu identificar a existência de quatro factores latentes com indicadores psicométricos adequados e agrupados segundo a lógica de diferenciação da relação convencional (que contempla os papéis emocional, instrumental e social e simbólico) e não convencional (que contempla a soma ou evitamento de papéis, com repercussões negativas para ambos os intervenientes). Ou seja, foi construído e validado um instrumento, consolidando um passo na investigação sobre as relações intergeracionais.

A segunda diz respeito às possibilidades de utilização da escala enquanto instrumento de avaliação, diagnóstico ou intervenção. Primeiramente, avaliar crenças consiste numa estratégia para conhecer um amplo conjunto de percepções e identificar aspectos relacionados; secundamente,

intervir consiste num conjunto de estratégias que permitem influenciar crenças, atitudes, intenções e comportamento. Ou seja, a qualidade e sucesso da relação entre avós e netos é influenciada pelas crenças dos netos, que por sua vez têm origem na influência que os avós têm na sua vida. Assim, as crianças que experimentam proximidade, compreensão e reconhecimento por parte dos avós, percebem uma relação positiva, autêntica e amigável (Kennedy, 1992). Por outro lado, quando as crianças não experimentam estes sentimentos, percebem uma relação negativa, devendo ocorrer uma reconfiguração das crenças no sentido do estabelecimento de uma relação benéfica e afetiva.

Segundamente, no que concerne à análise descritiva decorrente da escala validada, importam discutir duas conclusões. A primeira, relativa ao facto de não terem sido verificadas diferenças entre géneros em torno do PI, PE e PSS, o qual pode ser justificado pelo facto das crianças, de modo geral e sem exclusividade de géneros, apreciarem um conjunto de características dos avós, as quais dizem respeito à suas qualidades indulgentes (Kahana & Kahana, 1971) e promotoras de criatividade, realização, competência, estrutura e estabilidade (Timberlake, 1981). Assim e, uma vez que as crenças remetem para a informação que a criança dispõe em relação aos avós, estas serão inequivocamente influenciadas pelo seu gosto e preferência, alheios ao género.

A segunda, relativa ao facto de se verificarem diferenças entre géneros no que diz respeito ao PNC, o qual pode ser justificado pelo facto do papel não convencional tender a verificar-se em relações não convencionais, onde os avós assumem o papel de primeiros prestadores de cuidados, abdicando de um papel único e de cuidados especiais. Sabemos *à priori* que as crianças que vivem aos cuidados dos avós apresentam diferenças significativas entre géneros, nomeadamente em termos de fatores de saúde (género masculino mais suscetível a doença) e ajustamento escolar (género masculino mais propenso a comportamentos desajustados) (Salomon & Marx, 1995). Assim, tem-se que as situações disruptivas que tendem a estar na origem destas mudanças de papéis por parte dos avós, são vividas de maneira mais problemática pelo género masculino, o que leva a uma maior identificação com crenças de um papel com valência emocional negativa.

Por fim, no que respeita às limitações do presente estudo, destaca-se o facto da melhor solução poder apresentar itens pouco apropriados à

nomeação do fator e ficarem por explorar as características inerentes aos pais e aos avós, que por serem elementos da tríade prevêm-se modelos importantes e impactantes nas crenças das crianças. Assim, a presente investigação representa um passo no longo caminho da pesquisa sobre as relações intergeracionais, em idades precoces, dada a sua crescente representação social, onde por um lado, os netos têm um maior número de avós vivos (Kivett, 1991) e, por outro, os avós assumem este papel mais tarde, de forma mais ativa (Strecht, 2016) e partilhada. Importa investir e repensar esta relação, preponderante para o desenvolvimento mútuo de várias gerações. Tanto porque as crianças de hoje são os adultos de amanhã e, igualmente, os netos de hoje serão os avós de amanhã. Certos de que “Melhores avós, melhores netos. Certos de que sobre modelos de relação precoces ficarão sementes que germinarão sempre, pela vida fora, mesmo à distância do que já foi vivido, mesmo depois da presença física daqueles que certamente só privaram connosco nos anos iniciais das nossas vidas, pois a sua memória é eterna e o nosso diálogo interior com cada um deles... perpétuo” (Strecht, 2016, p. 10).

REFERÊNCIAS

- Albrecht, R. (1954). The Parental Responsibilities of Grandparents. *Marriage and Family Living*, 16(3), 201-204. <http://dx.doi.org/10.2307/348486>
- Barranti, C. C. (1985). The Grandparent/ Grandchild Relationship: Family Resource in an Era of Voluntary Bonds. *Family Relations*, 34, 343-352. <http://dx.doi.org/10.2307/583572>
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the Nuclear Family: The Increasing Importance of Multigenerational Bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1-16. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00001.x>
- Bernal, J. G., & Anuncibay, R. F. (2008). Intergenerational grandparent/grandchild relations: The socioeducational role of grandparents. *Educational Gerontology*, 34, 67-88. <http://dx.doi.org/10.1080/03601270701763993>
- Block, C. E. (2000). Dyadic and gender differences in perceptions of the grandparentgrandchild relationship. *The International Journal of Aging and Human Development*, 51 (2), 85-104. <http://dx.doi.org/10.2190/VKCU-GN6A-27MU-4867>

- Boon, S. D., Shaw, M. J., & MacKinnon, S. L. (2008). Grandparent Health and Young Adults' Judgments of Their Grandparent-Grandchild Relationships. *Journal of Intergenerational Relationships*, 6(2), 155-173. <http://dx.doi.org/10.1080/15350770801955115>
- Geurts, T., Tilburg, T. G., & Poortman A. (2012). The grandparent-grandchild relationship in childhood and adulthood: A matter of continuation? *Personal Relationships*, 19, 267-278. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.2011.01354.x>
- Hagestad, G. O. (1988). Demographic Change and the Life Course: Some Emerging Trends in the Family Realm. *Family Relations*, 37(4), 405-410. <http://dx.doi.org/10.2307/584111>
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *POVOS E CULTURAS – Os avós como educadores*, 10, 25-38.
- Harwood, J., & Lin, M. (2000). Affiliation, Pride, Exchange, and Distance in Grandparents' Accounts of Relationships with Their College-Aged Grandchildren. *Journal of Communication*, 50(3), 31-47. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02851.x>
- Harwood, J. (2004). Relational, role and social identity as expressed in grandparents' personal web sites. *Communication Studies*, 55(2), 300-318. <http://dx.doi.org/10.1080/10510970409388621>
- Hodgson, L. G. (1992). Adult Grandchildren and Their Grandparents: The Enduring Bond. *The International Journal of Aging and Human Development*, 34(3), 209-225. <http://dx.doi.org/10.2190/PU9M-96XD-CFYQ-A8UK>
- Instituto Nacional de Estatística – INE (2016). *Estatísticas Demográficas 2015*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística I.P.
- Kahana, E., & Kahana, B. (1971). Theoretical and Research Perspectives on Grandparenthood. *Aging and Human Development*, 2, 261-268. doi: 10.2190/AG.2.4.c
- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-Grandchild Ties. *Journal of Family Issues*, 28(7), 855-881. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513X07299599>
- Kennedy, G. E. (1992). Shared Activities of Grandparents and Grandchildren. *Psychological Reports*, 70, 211-217. <http://dx.doi.org/10.2466/PRO.70.1.211-227>
- Kivett, V. R. (1991). The Grandparent-Grandchild Connection. *Marriage & Family Review*, 16, 267-290. http://dx.doi.org/10.1300/J002v16n03_04

- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: An Overview of Meaning and Mental Health. *The Gerontologist*, 22(1), 59-66. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/22.1.59>
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (6ª ed.) Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Mills, T. L. (2001). Research on Grandparent and Grandchild Relationships in the New Millennium: An Overview of the Special Issue. *Journal of Family Issue*, 22 (4), 403-406. <http://dx.doi.org/10.1177/019251301022004001>
- Moorman, S. M. & Stokes, J. E. (2013). Solidarity in the Grandparent-Adult Grandchild Relationship and Trajectories of Depressive Symptoms. *The Gerontologist*, 56 (3), 408-420. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/gnu056>
- Rigby, E., Gair, S., & Thorpe, R. (2015). Surviving Intervention: Grandparent's Struggle to Maintain Relationships with their Grandchildren Following Contact with Child Protection Services. *Children Australia*, 41, 98-105. <http://dx.doi.org/10.1017/cha.2015.51>
- Salomon, J. C., & Marx, J. (1995). "To Grandmother's House We Go": Health and School Adjustment of Children Raised Solely by Grandparents'. *The Gerontologist*, 35(3), 386-394. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/35.3.386>
- Silverstein, M., & Long, J. (1998). Trajectories of Grandparents' Perceived Solidarity with ADULT Grandchildren: A Growth Curve Analysis over 23 Years. *Journal of Marriage and the Family*, 60(4), 912-923. <http://dx.doi.org/10.2307/353634>
- Silverstein, M., & Marengo, A. (2001). How Americans Enact the Grandparent Role Across the Family Life Course. *Journal of Family Issues*, 22(4), 493-522. <http://dx.doi.org/10.1177/019251301022004006>
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. *POVOS E CULTURAS – Os avós como educadores*, 10, 39-50.
- Strecht, P. (2016). *Queridos avós- O papel dos avós na vida dos netos (de A a Z)*. Lisboa: Verso da Kapa.
- Thiele, D. M., & Whelan, T. A. (2006). The Nature and Dimensions of the Grandparent Role. *Marriage & Family Review*, 40(1), 93-108. http://dx.doi.org/10.1300/J002v40n01_06
- Timberlake, E. M. (1981). The Value of Grandchildren to Grandmothers. *Journal of Gerontological Social Work*, 3(1), 63-76. http://dx.doi.org/10.1300/J083V03N01_07
- Tinsley, B. J., & Parke, R. D. (1987). Grandparents as Interactive and Social Support Agents for Families with Young Infants. *The International Journal of*

Aging and Human Development, 25(4), 259-277. <http://dx.doi.org/10.2190/91M7-1JMA-UQV6-0VH3>

Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna M., & Pinazo, S. (2005). The Meaning of Grandparenthood: Do Adolescent Grandchildren Perceive the Relationship and Role in the Same Way as Their Grandparents Do? *Journal of Intergeneratioal Relationships*, 3(2), 101-120. http://dx.doi.org/10.1300/J194v03n02_07

Wood, S., & Liopsis, P. (2007). Potentially Stressful Life Events and Emotional Closeness Between Grandparents and Adult Grandchildren. *Journal of Family Issues*, 28(3), 380-398. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513X06293893>